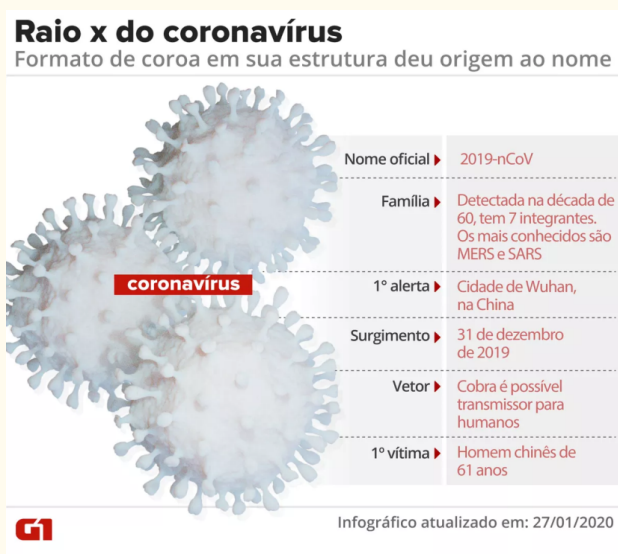


Resenha Informativa sobre o Coronavírus.

Amanda Cristaldo Neis
Maicon da Silva Pinto de Oliveira



OMS diz que coronavírus já matou 1669 pessoas. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/16/oms-diz-que-coronavirus-ja-matou-1669-pessoas.ghtml>. Acesso em 23 mar 2020.

No dia 13 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia do novo coronavírus, causador da COVID-19. Pandemia é uma epidemia - aumento no número casos de alguma doença seguido por um pico e, posteriormente, uma diminuição dos casos registrados - que se alastra ao redor do mundo em um mesmo período de tempo. Desde então, diversas dúvidas surgiram sobre o assunto, o número de casos foi aumentando e medidas vêm sendo tomadas por parte de governos de diferentes nações. A doença originou-se e começou a se espalhar no final de dezembro de 2019 na China e acabou se propagando pelo resto do mundo.

De acordo com o Ministério da Saúde⁵, coronavírus é uma família de vírus que causam doenças respiratórias. Em se tratando de uma família, podemos dizer que existem diversos tipos desses organismos, sendo eles mais comuns do que imaginamos, como o alpha coronavírus e o beta coronavírus, e a maioria das pessoas são infectadas por eles durante a vida, principalmente crianças. Porém, no caso do surto atual, trata-se de um novo tipo de agente da família corona, descoberto na China, e que causa a COVID-19, sigla em inglês para a doença do coronavírus e que recebe o número 19 ao final, já que teve seus primeiros casos confirmados no fim de 2019.

Esse novo coronavírus pertence ao grupo 2B, da mesma família que a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), a qual apareceu em 2002, também na China. O surto da COVID-19 iniciou-se na cidade de Wuhan. A hipótese mais provável encontrada até agora pela OMS é a de que a doença foi transmitida de um animal vivo para um hospedeiro humano em um mercado de animais vivos e mortos da cidade⁶. A China chegou a concentrar 99% dos casos durante o surto, porém, após as medidas de controle e isolamento impostas pelo governo, menos da metade dos casos registrados agora no mundo são no país.

⁵ Ministério da Saúde. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 11 mar 2020.

⁶ BRIGGS, HELEN. A corrida para encontrar animal que foi a origem do surto. BBC News. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51641776>. Acesso em 11 mar 2020.

Entretanto, o coronavírus espalhou-se por todos os continentes, exceto a Antártica, atingindo mais de 192 países e levando alguns deles, como Itália, Espanha e França a adotarem medidas como a quarentena. Em princípio, era feito apenas o isolamento dos contaminados, porém, com o avanço da doença, medidas de isolamento social estão sendo tomadas na esperança de frear a propagação do vírus entre as pessoas⁷. Essa medida levou ao fechamento dos comércios, suspensão de aulas e eventos, principalmente esportivos, como campeonatos de futebol de diversos países, além de cancelamento de shows, viagens e o possível adiamento dos Jogos Olímpicos de 2020 em Tóquio. Fora da China, os países mais afetados eram, até o momento da pesquisa, Itália, Irã e Espanha, os quais tiveram a paralisação de diversas atividades. A Itália, além do isolamento social, adotou também uma restrição à circulação de pessoas em todo seu território.

Segundo dados da OMS⁸, até o presente momento, mais de 467 mil casos foram confirmados, causando cerca de 21 mil mortes. A Organização declarou que o epicentro da doença passou a ser o continente europeu e não mais a cidade de Wuhan, na China. A Itália, país mais afetado na Europa, e o segundo no mundo, registrava mais de 74 mil casos e 7 mil mortes até a data da pesquisa (25/03). No entanto, com o crescimento dos casos registrados, alguns analistas acreditam que a real dimensão do surto pode ser dez vezes maior do que os números oficiais indicam.

Apesar de muitos casos confirmados, o índice de mortalidade do coronavírus, segundo estudos realizados pelo Centro Chinês de Controle e Prevenção de Doenças (CCDC) é de 2,3%, isso significa que a cada 100 pessoas que

contraem a doença, em média, duas morrem, porém, entre os idosos com mais de 80 anos, esse índice pode chegar a 14,8%, de acordo com pesquisas recentes. Porém, essa taxa não reflete a realidade de todos os países, pois, em alguns ela pode ser maior. Em comparação com outras doenças, o índice de mortalidade do COVID-19 pode ser até considerado baixo, uma vez que o risco de morte no caso da SARS é de aproximadamente 10%, tendo sido contabilizados 8 mil casos e 774 mortes. Ou mesmo, se o compararmos ao Ebola, que apresenta taxa de mortalidade de 50%, e à raiva, que leva à morte 95% dos organismos contaminados. Em contraponto, se comparamos aos dados de uma gripe comum, menos de 0,1% dos contaminados chegam a falecer. Apesar dessas comparações, precisamos tomar cuidado para não tratarmos a nova doença com descaso, pois com a grande velocidade de transmissão, nossos hospitais podem ficar superlotados e sem capacidade de atendimento para todos e, principalmente, para aqueles que mais precisarem. Isso é intensificado em países cuja infraestrutura e o sistema de saúde são precários.

Dos casos que foram confirmados, aproximadamente, 81% dos infectados desenvolvem sintomas leves, 14% desenvolvem sintomas graves e 5% ficam em estado crítico, porém, como a doença é recente, ainda não é possível saber o que acontecerá em longo prazo com o organismo dos pacientes. Apesar da taxa de mortalidade do novo coronavírus não ser tão elevada, os relatórios da OMS e do Ministério da Saúde mostram que alguns grupos e faixas da população são mais vulneráveis a doença, são os chamados grupos de riscos, os quais englobam idosos, diabéticos, hipertensos, grávidas, pessoas com insuficiência renal crônica e pessoas com doença respiratória crônica.

Porém, por quais motivos eles são considerados mais suscetíveis ao vírus? A principal causa é que a imunidade das pessoas desse grupo é mais baixa, o que as torna passíveis de contrair, mais facilmente, alguma doença e também pela capacidade comprometida de lutar contra infecções. De acordo com estudos do CCDC, a

⁷ JOHN HOPKINS UNIVERSITY. COVID-19 Dashbord by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE). Disponível em: <<https://gisanddata.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>> Acesso em 10 mar 2020.

⁸ LIMA, LIOMAN. Coronavírus: 5 estratégias de países que estão conseguindo conter o contágio. BBC News. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51937888>>. Acesso em 18 mar 2020.

⁹ ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/tags/organizacao-mundial-da-saude>> Acesso em 17 mar 2020.

taxa de mortalidade avança conforme a idade, assim, enquanto entre 0 e 49 anos ela não passa de 1%, entre 50 e 59 fica em 1,3%, entre 60 e 69 vai para 3,6%, entre 70 e 79 anos sobe para 8% e acima dos 80 chega a 14,8%. Dados esses que podem se reverter de acordo com o aparecimento de mais e mais casos.

Os principais sintomas da doença são: febre, tosse e dificuldade para respirar. Em um número menor de casos, há espirro e nariz escorrendo. Em geral, após uma semana, a doença causa dificuldade para respirar, o que leva alguns pacientes a necessitarem de atendimento hospitalar. Porém, em muitos casos, os sintomas nem chegam a aparecer ou começam a despontar cerca de cinco dias após a contaminação. Há estimativas de que cada pessoa infectada contamina, em média, pelo menos três outros indivíduos.

Segundo a OMS, a transmissão da doença ocorre quando o vírus entra em contato com boca, olhos e nariz, seja por meio do toque em pessoas ou superfícies contaminadas, seja pelo ar, através de gotículas de saliva, o que se torna ainda mais preocupante, já que não conseguimos enxergá-las. A maioria dos casos de transmissão ocorreu por meio do contato com pessoas próximas já contaminadas com o coronavírus – familiares, amigos ou profissionais de saúde.

Ainda não foi descoberto tratamento ou vacina contra o vírus, apesar de haver muitos avanços científicos nessa área. Os casos de cura estão sendo chamados de cura espontânea, onde o próprio organismo reage e os sintomas desaparecem após um tempo. De acordo com dados da Organização Mundial, das cerca de 470 mil pessoas infectadas, aproximadamente 113 mil casos já são considerados pacientes recuperados. Na China, dos 81,6 mil infectados, 73,7 mil casos são de pacientes recuperados. Já no Brasil, há cerca de 2,5 mil casos confirmados e dois já recuperados. A diferença das denotações entre curados e recuperados se deve ao fato da doença ainda ser muito recente, portanto, não é possível saber como o organismo irá reagir após contrair a doença em um longo prazo, se haverá efeitos colaterais ou

sintomas posteriores e se haverá possibilidade do paciente contrair a doença novamente.

Devido à falta de uma cura específica, o mundo inteiro está tomando medidas preventivas para que a doença não se espalhe ainda mais. Entre as principais formas de prevenção estão: lavar as mãos com frequência, de 5 a 10 vezes ao dia; não colocar a mão na boca, no nariz ou nos olhos para evitar que o vírus atinja as mucosas do corpo; usar lenço na hora de tossir ou espirrar e jogar o papel fora imediatamente depois; manter hábitos saudáveis para fortalecer a imunidade, como, dormir a quantidade de horas certas para a sua idade, alimentar-se bem, manter-se hidratado, fazer exercícios físicos regularmente e tentar reduzir o estresse. Medidas para evitar lugares muito cheios e aglomerações também estão sendo tomadas, além do isolamento social e de se manter recluso em casa. A necessidade de quarentena está sendo avaliada por cada país e o quadro específico da doença em seu território. Lembrando que essas medidas são para evitar a transmissão da doença e a superlotação dos hospitais, tornando o ritmo de transmissão mais uniforme, sem aumentos crescentes rápidos.

O panorama da doença no Brasil começou em 26 de fevereiro, quando o primeiro caso surgiu de um paciente vindo da Itália. A partir de então, novos casos foram sendo relatados de pessoas vindas do exterior e por contaminação via contato direto com os infectados. O país já se enquadra no caso de transmissão comunitária, com 2554 casos confirmados e, infelizmente, 59 mortos. Há casos já relatados em todos os estados, porém, a maioria se concentra nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. No Espírito Santo, foram confirmados 40 casos, mas sem nenhuma morte até o momento¹⁰.

O governo vem tomando medidas para evitar a transmissão do vírus entre as pessoas, principalmente, aconselhando o isolamento social e a reclusão nas residências, além de evitar aglomerações. Suspensão de aulas,

¹⁰G1. Mapa Coronavírus no Brasil. Disponível em <<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/mapa-coronavirus/>> Acesso em: 19 mar 2020.

eventos e fechamento do comércio já vêm sendo feitos desde meados do mês de março. O fechamento das fronteiras do país também foi decretado. Porém, muitos trabalhadores ainda continuam saindo de casa diariamente para trabalhar e, dessa forma, se expõem diretamente ao vírus e expõem também seus familiares. Há uma grande preocupação com o Sistema Único de Saúde (SUS), que é o sistema de saúde pública do país, tanto que medidas estão sendo tomadas para que não haja o colapso do sistema quando houver o pico de casos no país e os hospitais ficarem superlotados. Porém, os sistemas privados de saúde são os que têm demonstrado maiores problemas frente à pandemia do coronavírus.

Todo esse movimento provocado pelo surto de coronavírus reflete diretamente na economia. A pandemia afeta a produção, fecha fronteiras, derruba a bolsa de valores, para a cadeia de suprimento global, além de outras situações que, de forma direta ou não, afetam nossas vidas. Uma das recomendações para conter a disseminação do vírus, a quarentena ou isolamento social, acaba também paralisando a economia. Como a transmissão do vírus é rápida, diversos estabelecimentos se viram obrigados a fechar seus negócios, principalmente os que envolvem aglomerações, como são os casos das viagens aéreas, shows, eventos, escolas. De acordo com a Associação Internacional de Transporte Aéreo, a perda desse setor pode chegar a R\$400 bilhões¹¹. Já podemos imaginar o impacto que isso terá não só no Brasil como no mundo.

O efeito disso no Produto Interno Bruto (PIB) significa uma contração na renda, tanto pelo lado da baixa produção, quanto pelo lado da demanda, que tende a cair com os investimentos paralisados e a queda do consumo das famílias, uma vez que a previsão é de desemprego em massa com as medidas que vêm sendo tomadas pelo governo, com intuito de cortar custos para o empregador. Não podemos mensurar com exatidão a dimensão

da desaceleração, pois, em Economia, enquanto área de estudo, só conseguimos mensurar um caso alguns períodos depois. Mas devemos ser céticos quanto ao que vem pela frente. Além disso, não podemos nos esquecer de que o Brasil ainda enfrenta uma crise que se arrasta há anos.

Outro fator que deve ser citado é o fechamento de fronteiras e o impacto que ele representa na cadeia de suprimentos. De acordo com alguns sites de notícias, como Agência Brasil, Valor Econômico e Veja, diversos países decidiram erguer barreiras contra a entrada de estrangeiros em seus territórios, como EUA, parte da Europa, Argentina, Peru, Honduras, mas com certa liberdade à entrada de mercadorias (principalmente se for o caso medicamentos e materiais de higiene pessoal, que já se encontram escassos no mercado). Mas, como dissemos anteriormente, com diversas lojas fechadas, não há produção e, com as restrições impostas, tanto os bens que exportamos quanto os que importamos desabam. Precisamos ter em mente que os fenômenos na economia estão sempre relacionados e que estamos apontando apenas alguns deles, os que são mais aparentes.

Quando se fala de crescimento econômico, ou seja, quanto o país cresce, isso representa um aumento de riqueza. Esse aumento pode se transformar em mais ofertas de emprego. Só que, diante da situação atual, várias organizações já estimam um desaquecimento ainda maior da economia global (cujo nível de produção vinha diminuindo gradualmente). A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) afirma que podemos ter um crescimento a taxas menores que as vistas em 2009, cerca de 2,4% para este ano, sendo que, em novembro, era prevista uma taxa de 2,9% para 2020. Comparando 2,9 com 2,4 parece uma diferença pequena, mas devemos salientar que estamos falando da economia do conjunto de todos países, então essa variação pode desencadear efeitos muito mais graves em países subdesenvolvidos, como o Brasil. A mesma organização estima que se esse surto do COVID-19 for duradouro, o crescimento global

¹¹ BOUÇAS, CIBELLE. Impacto do coronavírus na aviação mundial pode chegar a US\$29 bi. Valor. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/02/20/iata-impacto-do-coronavirus-na-aviacao-mundial-pode-chegar-a-us-29-bi.ghtml>>.

Acesso em 21 mar 2020.

pode ser de 1,5%, cenário ainda pior. E como dissemos anteriormente, se não estamos produzindo, não há para quem vender, isso pode levar as empresas a demitirem seus funcionários, situação que esperamos não acontecer.

Falando brevemente sobre a bolsa de valores, observamos que diversas ações tiveram quedas nos últimos meses, mas um fato curioso e importante de se manter de olho são os dois circuit breaker's que ocorreram no dia 12 de março de 2020, marcando um dia de caos no mercado financeiro. Circuit breaker, de acordo com o Portal do Investidor, é a paralisação das negociações no mercado financeiro. Isso ocorre quando a bolsa de valores sofre com oscilações bruscas nos preços dos ativos, ou seja, é um mecanismo de proteção às variações dos preços em momentos atípicos desse mercado. Nesse dia específico, 12 de março, esse mecanismo foi usado 2 vezes no mesmo dia para conter a queda que alcançou 11,65% na primeira vez e 15% na segunda, ficando as negociações paradas por cerca de uma hora. Vale lembrar que a última vez que a bolsa brasileira teve dois circuit breaker's no mesmo dia foi em 2008, quando eclodiu a crise econômica internacional, sendo que, naquele mês, houve cinco circuit breaker's. Ao longo deste mês de março, o mecanismo já foi usado 6 vezes, de acordo com a revista Forbes¹². Será que veremos outra crise financeira vindo aí? Só o tempo dirá.

Outro aspecto desse movimento financeiro que precisamos destacar é sua relação com o surto e também com os produtos que vemos no mercado. Esses movimentos financeiros ocorrem em um piscar de olhos, pois o mercado financeiro é volátil, as negociações ocorrem em frações de segundo e qualquer acontecimento já é motivo para isso. Estamos em um momento de grande incerteza, não sabemos como ficaremos com o surto dessa pandemia, há outras variáveis no mundo ocorrendo, como a guerra no preço do petróleo,

eleições nos EUA, então, a incerteza paira sobre nós.

Para tentar se resguardar, quem faz aplicações financeiras busca sempre uma maneira de amenizar suas perdas em outras moedas mais estáveis, que hoje em dia é o dólar. Então, investidores começam uma “corrida ao dólar”, vendendo suas aplicações de moedas de países como o Brasil e comprando títulos em dólares dos EUA. Quando isso acontece, há uma saída de dólares muito grande do país, o que acaba deixando o câmbio desvalorizado, ou seja, se antes precisávamos de R\$ 3 para comprar US\$ 1, hoje precisamos de R\$ 5. Grande parte dos produtos que vemos no mercado são produtos importados, com o dólar neste patamar, fica cada vez mais cara a compra desses produtos (o que pode provocar a chamada inflação de demanda), dificultando nosso acesso a algumas mercadorias. Por outro lado, temos também, que o Brasil é um país dependente de importação de matérias primas e tecnologias¹³, com a desvalorização cambial, os custos de produção das mercadorias na indústria brasileira elevam-se sobremaneira, incorrendo no aumento de preços (a chamada inflação de custo). Então, apesar de não estarmos relacionados diretamente com o mercado financeiro, isso tem influência em nossas vidas.

Esses são apenas alguns efeitos mais aparentes que podemos observar, mas diversas outras questões podem se elevar devido ao surto de coronavírus, tais como, o controle fiscal e os efeitos que o desemprego poderá desencadear. Para o indivíduo, pode significar que, sem uma fonte de renda garantida, o mesmo se dirigirá ao mercado de trabalho informal. Para a economia como um todo, pode afetar o próprio crescimento econômico, uma vez que reduzirá a demanda agregada sustentada pela população, podendo provocar o aprofundamento da crise internacional, entre outros.

Devemos analisar também o poder da mídia nesse processo do surto da COVID-19. Na

¹² Forbes. **Ibovespa acelera queda e aciona circuit breaker pela 6ª vez em março.** Disponível em: <<https://forbes.com.br/colunas/2020/03/ibovespa-acelera-queda-e-aciona-circuit-breaker-pela-6a-vez-em-marco/>>. Acesso em 21 mar 2020.

¹³ MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Estatísticas de Comércio Exterior.** Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/index.php/comercio-exterior/estatisticas-de-comercio-exterior>>. Acesso em 24 mar 2020.

sexta-feira, 13 de março, circularam nas mídias digitais inúmeras notícias de que o Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, teria sido o primeiro presidente a contrair o coronavírus, após uma viagem aos Estados Unidos com sua comitiva. No mesmo dia, o Presidente divulgou em sua conta no Twitter que realizou os exames e testou negativo para o vírus, apesar de cinco companheiros de viagem terem testado positivo para a doença. Vemos que diversas fake news circularam nas mídias afirmando que Bolsonaro havia contraído o vírus. Assim, fica o questionamento: como deve ocorrer a veiculação de informações sem que se provoque um alastramento de pânico entre a população?

Inúmeras mídias informais propagaram, desde o final de fevereiro, fake news que geram medo e pânico entre a população antes mesmo de terem sido registrados casos no país ou até mesmo na América Latina. Esse movimento levou as pessoas a correrem para farmácias e supermercados, por exemplo, para comprar máscaras e álcool 70%, esgotando os estoques dos estabelecimentos. Esse movimento gerou também uma alta nos preços desses itens. O próprio ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, afirmou que antes do surto o Governo gastava R\$ 0,11 por máscara, agora estão gastando R\$ 2. Além da busca pelos itens de cuidado com higiene, em São Paulo já foram registrados casos de supermercados com falta de produtos em estoque devido ao fato de inúmeras famílias iniciarem uma busca sem fim por estoque de alimentos em suas casas com medo da falta deles.

Até mesmo a declaração da OMS, em definir o coronavírus como uma pandemia, pode gerar pânico. Por isso, é preciso lidar de forma correta com o surto da doença. É essencial que jornais e canais de televisão se preocupem em não gerar pânico desnecessário entre a população. Erros ocorridos anteriormente não podem voltar a acontecer, em 2009, por exemplo, foi noticiado que, com base em um modelo matemático, a gripe causada pelo vírus H1N1 atingiria cerca de 35 milhões de brasileiros em dois meses. Outro caso foi a veiculação de notícias sobre uma epidemia de

febre amarela que supostamente aconteceria no país, caso que não se concretizou, porém, gerou pânico desnecessário entre a população.

Uma postura mais cuidadosa e uma cobertura mais responsável da mídia significam cobrar ações das autoridades públicas, mas também repassar informações sobre a doença e como se prevenir dela, além é claro, de combater as notícias falsas. Nesse sentido, podemos ver que há uma postura de mudança, principalmente dentro das mídias digitais visando uma veiculação de forma mais crítica e responsável, deixando entender que os erros acontecidos anos atrás não voltarão a se repetir. Nas redes sociais vem ocorrendo o compartilhamento em massa de informações sobre a doença com fontes oficiais e também formas de se prevenir da doença e até mesmo vídeos que ensinam a fazer a limpeza correta das mãos, por exemplo. Diversas personalidades famosas, como artistas, médicos, atletas, vêm se posicionando em suas mídias para repassar informações sobre a doença. Além disso, os principais canais de televisão aberta do país aumentaram o tempo de seus telejornais e criaram uma programação específica para falar sobre a pandemia.

Portanto, cabe uma reflexão aos próprios veiculadores de notícias sobre o real papel da informação frente a epidemias e doenças que trazem pânico para a população de um determinado país ou do mundo todo. É importante analisar se as notícias que repassamos são realmente informativas para os outros ou se, na verdade, as informações estão sendo falsas, sensacionalistas, ou apenas provocando o imaginário das pessoas com o intuito de gerar medo e uma onda de pânico e irracionalidade. Por fim, faz-se necessário que a população mantenha a calma, tome todas as medidas de prevenção possíveis contra a doença, resguardem-se em suas casas, mantenham-se informadas e cuidem de si mesmas e dos seus, sem desespero.